18.

Rua Simpatia 23
Vila Madalena – SP
05436-020

Nunca é para sempre

Costumamos contar o tempo como quem percorre uma estrada admirando a paisagem pela janela — sempre ordenando uma narrativa que indica o início, o meio e o fim. Mas talvez o tempo seja menos uma linha reta e mais um sopro, ou melhor, um gesto pictórico: o deslocar silencioso dos acontecimentos, o modo como os sentimos, a demora com que nos atravessam, as marcas que deixam. É na percepção sucessiva daquilo que ocorre em nossas vidas e na latência do dia a dia que o tempo, de fato, se revela. Em **Nunca é para sempre**, a artista Flavia Fabbriziani discute uma noção peculiar de tempo e, com isso, estabelece uma relação entre essa entidade fundamental e a ambivalente ideia de natureza, que ora define nossa humanidade, ora indica o infinito - e o finito - da existência fora de nós.

Lançando mão do pensamento estoico, em que o conceito de tempo e a reflexão sobre a vida ocupam um lugar central, a artista propõe diferentes ancoragens para que os visitantes reflitam sobre suas vidas, seus percursos e seus limites. A imponderabilidade do ser, sua exiguidade e beleza estão mimetizadas como significantes nas obras, que se abrem para novas experiências poéticas. Cada trabalho consolida uma reflexão pictórica que não se encerra, oferecendo uma via de mão dupla - um contínuo exercício de alteridade no qual o observador possa se perceber abraçado pelos gestos, cores e formas de cada obra..

A poética de Flavia Fabbriziani é constituída por um conjunto de interesses acerca das imagens e encontra, notadamente na pintura, um lugar seguro para as experiências plásticas que tem realizado nos últimos anos. Porém, se até aqui a pintura da artista estruturou uma forma específica de comunicação, mediada por cores, formas e gestualidade abstraídos da relação com o corpo que dança, na exposição algo emerge como novidade pictórica. Sua abstração, antes profundamente marcada pelo ritmo — onde cores e formas se entremeavam —, cede lugar ao que chamamos de "quase miragens": uma construção imagética estabelecida na fricção entre a abstração e a citação figural, um lampejo de memória que se esvaece na profusão de cores que dançam na superfície da tela.

A experiência da cidade — especialmente aquela que se propõe na observação da paisagem vista da janela do ateliê — é deslocada para as telas como meio de compreensão da própria vida. A abstração, espaço de elaboração de sentidos para o mundo, ganha novo contorno, incorporando a citação de elementos naturais - florações, folhagens, paisagem — e também reordenando qualquer narratividade figural em pulsão de cor e gesto. Da janela do ateliê, os ventos quentes que balançam os cachos dourados das flores nas palmeiras, ou ainda as folhas que colorem em mil verdes a paisagem enquadrada, tudo é abstraído do real. As imagens são forjadas a partir da natureza, deslocadas dela para, ao fim, serem reelaboradas pela capacidade criadora da artista, que nos apresenta aqui os resultados desse enfrentamento.

A fugacidade da vida, que mimetiza a temporalidade da natureza, é apresentada nos quatro espaços que estruturam a expografia. Desde os verdes que nos acolhem em contraste com as vibrações quentes; passando pela profusão cromática dos florais na sala central; até o abraço caloroso trazido pelos "ventos quentes" — tudo se verá resumido na instalação. Na sala reservada, os trabalhos da série Anima, solenemente ordenados e aclimatados por uma

composição sonora, definem a ordem do discurso que Flavia Fabbriziani nos oferece: o tempo é duração que comporta a vida com suas reconstruções, marcas e limites. Pois, se de um lado sabemos que a criação humana é vocacionada para um desejo de eternidade, de outro, reconhecemos que aquilo que criamos, cultivamos e sonhamos nunca é para sempre.

Shannon Botelho